



Vozes na produção do discurso de valorização do extrativismo da castanha-do-brasil na Amazônia

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos ¹
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa²

Resumo

O extrativismo da castanha na Amazônia é uma atividade de grande importância por agregar valor socioambiental, gerar renda e garantir a segurança alimentar das comunidades locais. O objetivo deste artigo é identificar os argumentos do discurso de valorização da atividade extrativista da castanha-do-brasil, enunciado nas políticas de governo e nas falas de diversos atores sociais da cadeia produtiva da castanha. Com base no referencial teórico do estudo das ideologias de Bakhtin, faz-se uma discussão sobre a “guerra” entre a ideologia oficial e a do cotidiano, com o objetivo de dar sentido à palavra “valorização” do produto e do produtor extrativista castanheiro, a quem é atribuído importante papel na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica.

Palavras-chaves: Conflitos ambientais; ideologia; discurso ambiental; sociobiodiversidade; música amazônica.

Introdução

A castanheira (*Bertholletia excelsa*), árvore de grande porte, conhecida como a Rainha da Floresta, cujo fruto, a castanha-do-brasil, anteriormente mais conhecida como castanha-do-pará e, mais recentemente, também chamada de castanha-da-amazônia; é um dos principais produtos da sociobiodiversidade amazônica.

O extrativismo da castanha na Amazônia é uma atividade de grande importância por agregar valor socioambiental, gerar renda e garantir a segurança alimentar de povos, comunidades tradicionais e agricultores familiares. Também é crescente a demanda pelo produto, no mercado nacional e estrangeiro.

A atividade extrativista é antiga e ainda praticada de forma rudimentar, carecendo da adoção de inovações tecnológicas que minimizem a penosidade do trabalho dos castanheiros³, homens e mulheres que trabalham na coleta da castanha; bem como,

¹ Comunicóloga, Mestre em Extensão Rural, Especialista em Jornalismo Científico. Pesquisadora da Embrapa Rondônia, desde 1989. vania.beatriz@embrapa.br

² Embrapa Rondônia - Caixa Postal, 406, Porto Velho-RO. 78.900-970.

³ Com a finalidade de evitar a repetição da expressão castanheiros/castanheiras, neste texto, usa-se o termo castanheiro, referindo-se indistintamente a homens e mulheres que trabalham na atividade extrativista da castanha-do-brasil.



proporcionem maior qualidade ao produto e conseqüentemente sua valorização no mercado consumidor.

Uma das contribuições para o alcance dos objetivos de qualidade e valorização da castanha-do-brasil é o trabalho iniciado em 2005, sob a coordenação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), pelo projeto Kamukaia cujo principal objetivo é formar uma rede de estudos ecológicos para subsidiar recomendações de manejo, por meio do monitoramento da produção, regeneração e impacto do extrativismo de produtos florestais não madeireiros - PFM. Uma das linhas de pesquisa da rede Kamukaia, visa colaborar com a implantação das diretrizes técnicas para o manejo da castanheira, que consiste na adaptação e validação das boas práticas para o manejo, nos sistemas de produção existentes em diferentes regiões da Amazônia brasileira.

Na discussão das diretrizes técnicas da castanha pela equipe de pesquisa do Projeto Kamukaia, uma das estratégias adotada foi o desenvolvimento de práticas educacionais socioambientais. Uma delas envolve o uso da música-discurso “Canto dos Castanhais” poema canção de autoria de Joazinho Gomes musicado por Val Milhomem, registrado em fonograma pela cantora Juliele Marques, em 2007, que aborda aspectos socioculturais do cotidiano dos extrativistas da castanha-do-brasil, desde os procedimentos laborais à fé como suporte às dificuldades desse dia-a-dia.

Tais abordagens têm sido utilizadas como base para as discussões em reunião com produtores extrativistas de castanha-do-brasil, com o objetivo apresentar e propor a adoção das boas práticas; bem como, com outros segmentos de público (estudantes, acadêmicos de comunicação, educadores ambientais) em oficinas de produção coletiva de videoclipes, como recurso didático de educação científica e ambiental na educação formal e não formal. (OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA e FERNANDES, 2012; OLIVEIRA e BENTES-GAMA, 2013).

A música-discurso Canto dos Castanhais já foi objeto de análise, numa perspectiva de formatação metodológica do uso de músicas como prática educacionais, para responder a questão se o discurso de músicas amazônicas, portadoras de um discurso socioambiental, podem colaborar para a formulação de discursos outros que contribuam para a sensibilização de distintos segmentos de público em relação às questões ambientais. (OLIVEIRA, 2013). Neste trabalho, os versos da canção foram retomados, para nortear a questão da valorização.



O projeto de pesquisa que deu origem a este artigo tem por objetivo, a partir do discurso literário da referida música, identificar as vozes (quem diz) e os argumentos (o que se diz) a respeito da atividade extrativista castanheira, e assim obter elementos que colaborem para a elaboração de um novo discurso de sensibilização e de valorização da atividade dos extrativistas da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) na Amazônia, enquanto uma prática que promove o desenvolvimento sustentável.

O objetivo deste artigo é identificar os argumentos do discurso de valorização da atividade extrativista da castanha-do-brasil, enunciado nas políticas de governo e nas falas de diversos atores sociais (produtores, pesquisadores, estudantes, músicos, poetas, etc) obtidas nos discursos literários, discursos técnicos-científicos e nas falas em reuniões e oficinas realizadas com o objetivo de discutir a produção e a valorização da atividade extrativista castanheira. A questão subjacente a este objetivo é saber se a valorização almejada vai além do aspecto econômico, incluindo o castanheiro enquanto ser social a quem é atribuído importante papel na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica.

Partimos de duas questões para explorar o universo deste objeto de pesquisa: 1- quem é o sujeito do discurso que clama por valorização? 2- O discurso de valorização enunciado pelas políticas públicas, enquanto instituição ideológica se coaduna com os gritos de “ais” (suas vozes), lançadas ao mundo pelos produtores extrativistas?

Para isso, fez-se a caracterização da identidade castanheira a partir da sua organização social e produtiva, dentre outros aspectos abordados nos versos de Canto dos Castanhais, obtendo-se breve perfil sociocultural e socioambiental “dessa gente”: mulheres e homens, adultos, jovens e crianças que constituem a unidade familiar extrativista da castanha-do-brasil, que vivenciam na prática o desafio da conciliação entre a sustentabilidade na produção de alimentos e a sustentabilidade ambiental e verbalizam, em meio as suas dores físicas e emocionais, o desejo de ser valorizados.

Conhecer o discurso (o que dizem) e a ação (o que fazem) os membros da unidade familiar pode contribuir para dar visibilidade aos produtos da sociobiodiversidade e esclarecer a sociedade sobre a importância da produção e consumo sustentável do produto castanha, para o equilíbrio no uso dos recursos naturais, bem como, para fortalecer a inclusão destes no mercado, aumentando a representatividade do extrativismo na produção primária do país.



Procedimentos metodológicos

Para sistematizar informações sobre quem é o produtor extrativista castanheiro, o procedimento consistiu basicamente de revisão de literatura sobre a temática e organização de informações na perspectiva da compreensão do castanhal como o lugar – referência espacial - de produção da castanha ao longo da História, desde quando viviam sobre o jugo do dono do castanhal/seringal, aos dias de hoje em que vivem em reservas extrativistas e sob a égide das leis que a elas deram origem. Este seria o lugar da ideologia do cotidiano, enquanto o Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade e outros documentos produzidos por instituições que ditam a ideologia oficial em relação a valorização da atividade extrativista.

Inicialmente constatou-se rara disponibilidade de obras que abordassem claramente quem é o castanheiro. Por isso, além das informações sobre a identidade do castanheiro na literatura, foram apropriadas as “falas” de diversos atores sociais participantes dos eventos realizados com o objetivo de discutir a produção extrativista castanheira.

O universo levado em consideração é o de indivíduos (sujeitos interpretantes/enunciatórios) pertencentes à determinadas categorias sociais (produtores extrativistas, estudantes e educadores ambientais) participantes de eventos, em interação, interpretando o discurso literário e produzindo sentido para a palavra “valorização”.

Além do material obtido na revisão bibliográfica, foram levadas em consideração as “falas” resultantes de cinco eventos⁴ realizados nos anos de 2012 a 2013: 1- Oficina de Comunicação Ambiental com extrativistas da Resex Cajari-AP, em fevereiro de 2012 (OLIVEIRA 2013); 2- Oficina “Metodologia de Produção de videoclipe como prática educacional para a Divulgação Científica e Educação Ambiental”, no Intercom Norte, maio 2013; 3- Oficina Educomunicativa Ambiental com colônins do SESC-RO, julho 2013; 4 – Oficina de Educomunicação Socioambiental , na Conferência Estadual InfantoJuvenil pelo Meio Ambiente, novembro 2013; e 5- Oficina: Metodologia de produção de videoclipe como prática educacional para a divulgação científica e educação ambiental , no Intercom Norte, maio 2014.

No primeiro evento a interação ocorreu principalmente com produtores extrativistas, no segundo e quinto foi com acadêmicos de Comunicação Social; no terceiro e quinto eventos,

⁴ De agora em diante mencionados neste texto como eventos 1, 2, 3, 4, e 5.



o processo de interação dialógica ocorreu com adolescentes participantes da Colônia de Férias do SESC e da IV Conferência Infantojuvenil pelo Meio Ambiente.

Os procedimentos metodológicos deste processo de interação estão baseados na metodologia de Grupos Comunitários de Estudos (OLIVEIRA, 2011), na qual se insere a proposta de realização de oficinas como espaço de contrato de comunicação (Bakhtin, 1992) para a produção de sentido e formulação de novos discursos, o que inclui as discussões sobre o valor simbólico atribuído pelos castanheiros ao produto castanha e à atividade extrativa.

Referencial teórico

A proposição do debate sobre a “valorização” da atividades extrativista castanheira envolve desde o produtor ao consumidor final, participando dessa interação diversas instituições ideológicas. No caso deste estudo, podemos citar: a literatura, representada pelo discurso literário da letra da música; a ciência, representada pela Embrapa e demais instituições de pesquisa que compõem a Rede Kamukaia; as políticas públicas governamentais para os produtos da sociobiodiversidade, dentre outras.

O discurso de valorização da atividade extrativista situa-se num campo de contradições, por se tratar de uma atividade produtiva regida por leis de mercado e exercida por um grupo de produtores, cuja organização social é considerada sua maior fraqueza e esta mesma organização é demandada a exercer um importante papel nas ações para a minimização dos impactos ambientais.

Essa contradição pode ser situada no estudo das ideologias de Bakhtin (oficial e do cotidiano). O signo verbal, neste caso a valorização “... não pode ter um único sentido, mas possui acenos ideológicos que seguem tendências diferentes, pois nunca conseguem eliminar totalmente outras correntes ideológicas de dentro de si”. (MIOTELLO, 2008:172)

A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referencia, na proximidade social com a scondições de produção e reprodução da vida... (MIOTELLO, 2008:168)

Desta forma, tomamos o discurso das políticas públicas como o da ideologia oficial e o do produtor e demais atores sociais mencionados como o da ideologia do cotidiano.



O uso da expressão voz (es) , no sentido de “falas” dos atores sociais, oriundas de fragmentos de histórias orais, foi empregado por SOUSA SANTOS (2009, p.13), citado por SILVA et ali, 2013, p. 91. Os autores utilizam, respectivamente, as expressões “vozes do mundo” e “vozes da floresta” em trabalhos que centram sua análise no discurso e no conhecimento prático dos protagonistas das lutas e dos movimentos sociais relacionados ao manejo da floresta.

No prefácio do livro de Maciel (2013), que trata de estudo de experiências de vida nos seringais da Amazônia, Selda Vale da Costa, do programa de Pós – Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia(UFAM), faz referência a vozes de homens e mulheres da floresta, que foram silenciadas pela história oficial e pelos pesquisadores que não souberam escutá-las.

RESULTADO E DISCUSSÃO

1 - A vida que leva essa gente castanheira

“A vida que leva essa gente é um canto plangente no meio dos castanhais [...] a vida que leva essa gente, não é tão diferente da vida dos seringais”

Em Canto dos Castanhais, “essa gente” a que se refere o poeta são os membros da unidade familiar extrativista da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) na Amazônia brasileira, cuja vida cotidiana é apresentada no discurso literário da letra da música, sob diversos aspectos, dentre eles, a atividade de coleta, a religiosidade e as relações sociais estabelecidas na comunidade.

Assim como na música, castanheiros e seringueiros são personagens que invariavelmente aparecem indissociáveis na literatura sobre os produtores extrativistas da Amazônia. Embora predomine a referência aos seringueiros, e os castanheiros apareçam em segundo plano, a vida do castanheiro esta contida na do seringalista.

É o que se depreende das narrativas encontradas em Maciel (2013), a autora apresenta narrativas orais de quatro mulheres que tem em comum a experiência de vida em seringais na Amazônia, mais precisamente no Amazonas. Foi a partir de extratos dessas narrativas que identificamos alguns aspectos da vida que leva essa gente castanheira, uma vez que a menção ao trabalho como seringalista ou como castanheiro aparece indistintamente.

Às vezes o que o distingue é a época de sua prática. Enquanto a castanha tem sua safra colhida no período de janeiro a junho, a sangria da seringueira também respeita algumas condições particulares, definidas pelo calendário de atividades. Historicamente fundamentada na atividade extrativista, a economia da região amazônica, com a extração de látex e comercialização da borracha, o Ciclo da Borracha que teve o seu auge entre 1879 e 1912, proporcionou expansão da colonização, atração de riqueza, transformações culturais e sociais na região, impulsionando o crescimento das principais capitais do Norte do País: Belém, Manaus e Porto Velho, maiores centros de seus respectivos estados, Pará, Amazonas e Rondônia.

A ascensão do comércio da castanha é associada ao declínio do comércio da borracha. A safra da castanha ocorre de janeiro a junho, época da estação chuvosa na região, nos demais meses do ano o castanheiro procura outras ocupações que lhe garantam a subsistência. Em estudo sobre linguagem e cultura de castanheiros no Pará, Andrade (1985) apresenta o castanheiro na perspectiva da produção : “... ele é castanheiro na época das chuvas, e no período da seca, geralmente é garimpeiro ou lavrador, “juquireiro”, tropeiro, ou seja, trabalhador braçal.”

Nos anos 2000 , quando a organização das populações tradicionais tende estar fortalecida graças a políticas públicas como as que criaram as Reservas Extrativistas (Resex) e Áreas de Proteção Permanente (APPs) e transferiram para tais população ao posse , os castanhais e seringais continuam a ter dono, mas agora os produtores são os donos. A vida entre os castanhais ainda e muito “sacrificosa”:

Os moradores da Resex do Rio Cajari, associados ao Conselho Nacional dos Seringueiros trocam castanha por alimentos com intermediários que nunca pagaram preço de mercado pelo produto, o clássico sistema de aviamento predominante na Amazônia.

Castanheiros e seringueiros vivem dentro da floresta, em pequenas clareiras chamadas "colocações", onde estão a moradia, o roçado, a criação doméstica. Os seringais geralmente ficam perto da moradia, os castanhais, mais distantes. Como regra, cada extrativista vive distante do outro em função da baixa densidade natural das espécies que utilizam.

A vida que leva essa gente não é tão diferente da vida dos seringais

Entretanto seringal tornou-se uma metonímia, figura de linguagem pela qual se toma a parte pelo todo. Ou seja o seringal não é só a parte , o lugar onde ficam as estradas de



seringa, seringal é o todo a estrada de seringa, o centro da comunidade onde a comunidade mora “tudo perto”, o lugar das relações sociais, da compra e venda, dos festejos.

Segundo Maciel (2013: 145) até antes de suas entrevistas com as mulheres seringueiras, o “mundo do seringal” para ela tinha uma estrutura composta pelo barracão onde ficam as mercadorias, que são comercializadas, as moradias dos seringueiros em certa distancia, uma capela e mais distante dessa estrutura, as estradas das seringueiras. Essa era a ideia do espaço do seringal construída pela autora, mas a partir da percepção das pessoas entrevistadas, a autora percebeu que existem diferentes maneiras de constituição do espaço do seringal.

Existe espaço em que as famílias moravam na mesma localidade onde ficavam as estradas de seringa, e outros que se constituíam pela necessidade das famílias se deslocarem em busca de outras estradas de seringa mais rentáveis. Maciel: p.144

Seringueiros e Castanheiros, em algum momento da história podem ser a mesma pessoa, o que os distingue é a atividade econômica que estão desempenhando e esta se define pelo calendário de atividades o ciclo econômico em que estão inseridos. E o arranjo espacial.

A vida que leva essa gente castanheira realmente encontra alguns pontos em comum com a do seringueiro: Os coletores de castanha ou castanheiros são contratados verbalmente pelos proprietários dos castanhais, sem qualquer vínculo empregatício que lhes garantam algum direito trabalhista. Recebem por adiantamento o “abono” ou “aviação”, geralmente uma quantia em dinheiro, destinada à subsistência da família, enquanto estão trabalhando no castanhal, onde permanecem por vários meses, ainda mais isolados, dentro do isolamento regional.

Parte dos múltiplos tipos de gente que compõe a chamada população tradicional amazônica, o castanheiro é o homem (...) que trabalha no extrativismo da castanha-do-brasil (*Bertolletia excelsa*). Prática centenária que ainda se desenvolve de modo elementar, isto é, sem o uso de tecnologias.

O discurso de valorização enunciado nas políticas públicas

Embora ainda exista pouca visibilidade interna quanto à importância desse tema devido ao pequeno espaço ocupado pelos produtos da sociobiodiversidade na economia formal, está em curso uma ação dos órgãos governamentais na promoção desses produtos visando à



agregação de valor socioambiental; a geração de renda e a segurança alimentar de povos, comunidades tradicionais e agricultores familiares. O papel do governo tem sido de garantir a inclusão produtiva desses povos através da promoção de tecnologias sustentáveis que respeitem seus sistemas de organização social e, ao mesmo tempo, valorizem os recursos naturais locais e práticas, saberes e tecnologias tradicionais. Todo este esforço tem sido traduzido no Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade.

Além disso, a promoção dos produtos da sociobiodiversidade na economia formal faz parte das estratégias do Governo Federal ao elaborar o Plano da Sociobiodiversidade definiu como diretrizes a agregação de valor socioambiental; gerar renda e promover a segurança alimentar de povos, comunidades tradicionais e agricultores familiares.

A demanda pela valorização da atividade extrativista e justificada, dentre outros fatores pela sua importância para minimizar os impactos ambientais sobre as florestas naturais, o Governo Federal tem implementado ações voltadas à promoção dos produtos da sociobiodiversidade na economia formal, tendo elaborado o Plano Nacional da Sociobiodiversidade, o qual prioriza o fortalecimento e integração da cadeia da castanha-do-Brasil (Bioma Amazônia).

O Plano tem sido executado por meio de uma rede de pesquisa na Amazônia, sob a coordenação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, desde 2005, visa gerar resultados para definição de políticas públicas para os PFNM. Além do conhecimento básico sobre questões, o projeto busca promover o intercâmbio de informações e estimular a valorização do conhecimento tradicional relacionado ao uso da espécie, gerando oportunidades de mercado.

Para isso, uma das linhas de pesquisa do Kamukaia, visa a implementação das diretrizes do MMA para o manejo da castanha, que consiste definição de boas práticas para o manejo e práticas de pós-colheita para melhoria da qualidade do produto. Um dos enfoques das discussões propostas nos eventos de capacitação é refletir sobre o que faz a Ciência e o que a sociedade pode fazer para minimizar os impactos ambientais sobre as florestas naturais.



Referências

AMARAL, Paulo; AMARAL Neto, Manuel. Manejo florestal comunitário na Amazônia Brasileira: situação atual, desafios e perspectivas. Brasília: Instituto Internacional de Educação do Brasil - IEB, 2000.

ANDRADE, M. M. de. Linguagem e cultura dos castanheiros da região de Marabá-Pará. 505 p. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa. FFLCH da Universidade São Paulo, 1985. Disponível em : <http://www.filologia.org.br/revista/38/12.html> Acessado em : ago 2013 .

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2008.

GALVÃO, Quando o petróleo jorrou na Amazônia. Entrevista. Disponível in: <http://www.gentedeopiniaio.com.br/lerConteudo.php?news=9496>. Acessado em:

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

MACIEL, Marcia Nunes. O espaço lembrado: experiências de vida em seringais da Amazônia. Edu, 2013.

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; BENTES-GAMA, Michelliny de Matos. Prática educacional socioambiental aplicada em reunião com produtores extrativistas na Resex Chico Mendes, Acre. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, 2, 2013, Aracaju. Anais. Aracaju: EICA/UFS, 2013. Disponível in: <http://www.rica.eco.br/rica/arquivos/anaiseica2013/EICA%202013-35-Pr%C3%A1tica%20educacional-socioambiental-Resex%20Chico%20Mendes.pdf>

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; BENTES-GAMA, Michelliny de Matos. Prática educacional socioambiental aplicada em reunião com produtores extrativistas na Resex Chico Mendes, Acre. In: <http://www.rica.eco.br/rica/arquivos/anaiseica2013/EICA%202013-35-Pr%C3%A1tica%20educacional-socioambiental-Resex%20Chico%20Mendes.pdf>

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; FERNANDES, Carla V. Soares. Inferências sobre a música Canto dos Castanhais, por educadores ambientais, em Oficina de Produção



de Videoclipe. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 8, 2012, Salvador. Anais... Salvador: Enecult, 2012. CD-ROM. Disponível in: http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=1566

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; Metodologia de produção de videoclipes com uso de música amazônica para a educomunicação científica e ambiental. Porto Velho, RO: Embrapa Rondônia, 2010. Disponível em: http://www.cpafrro.embrapa.br/media/arquivos/publicacoes/doc139_producaodevideoclipes.pdf

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; Metodologia de produção de videoclipes com uso de música amazônica para a educomunicação científica e ambiental. Porto Velho, RO: Embrapa Rondônia, 2010. Disponível em: http://www.cpafrro.embrapa.br/media/arquivos/publicacoes/doc139_producaodevideoclipes.pdf

OLIVEIRA Vânia Beatriz Vasconcelos; VIEIRA, Abadio Hermes; BENTES-GAMA, Michelliny de Matos. O uso de música em oficina temática de biodiversidade florestal. In: Empresa, meio ambiente e responsabilidade socioambiental. Valéria Sucena Hammes et al. (Ed. Tec.). Brasília - DF: Embrapa, p.201-211, 2012 (Educação Ambiental para o Desenvolvimento, vol.6).

OLIVEIRA, 2011

OLIVEIRA, V. B. V. Práticas Educomunicativas com Música Amazônica na Recepção e Produção de Discurso Socioambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36, 2013, Manaus. Anais. São Paulo: INTERCOM, 2013.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira. Uso de música amazônica na educomunicação científica e ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Quem tem medo da pesquisa empírica? : Anais. São Paulo: INTERCOM, 2011.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos; FERNANDES, Carla V. Soares. Inferências sobre a música Canto dos Castanhais, por educadores ambientais, em Oficina de Produção de Videoclipe. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 8, 2012, Salvador. Anais... Salvador: Enecult, 2012. CD-ROM. Disponível in: http://www.cult.ufba.br/wordpress/?page_id=1566



SCHROEDER, Silvia C. N. e SCHROEDER, Jorge L. Música como discurso: uma perspectiva a partir da filosofia do círculo de Bakhtin. In: Música em perspectiva v.4 n.2, setembro 2011. Revista. 9127-152). Disponível in: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/musica/article/viewFile/27495/18320>. Acessada em: mar 2012.

SILVA, Rodrigo Ozelame; LIMA, José Edmilson de Souza; MACIEL-LIMA, Sandra Mara; STENBOCK, Walter, As vozes da floresta e a ecologia dos saberes In: Agrofloresta, Ecologia e Sociedade. Walter Stenboock, Leticia da Costa e Silva, Rodrigo Ozelame da Silva, Almir Sandro Rodrigues, Julian Perez Cassarino e Regina Forini (Orgs.). Kairós, 2013 (89-124)

SILVA, Taianne Mafra; LUÍNDIA, Luiza Elayne Azevedo. Análise da Linha Ekos da Natura: responsabilidade sócio-ambiental ou publicidade? In: ANAIS do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

SIMONETTI, E. Castanheira, a rainha da floresta. In: Horizonte Geográfico, n. 136, 2011. Revista. Disponível in: <http://horizontegeografico.com.br/exibirSumario/135> Acesso in:

Para evidenciar os significados e valores atribuídos à produção e consumo da castanha pelos membros da unidade familiar extrativista, adota-se o conceito de valor simbólico, a partir da Teoria da Ação (Bourdieu) procurando identificar como agem, suas demandas, seus agenciamentos e instrumentos de ação.

Justificativa:

No entanto, ainda falta a adaptação e validação dessas práticas nos diferentes sistemas de produção existentes na Amazônia. A validação e transferência de tecnologias são etapas importantes do processo de P&D e Inovação e demandam a participação, em regime cooperativo, de pesquisadores, agentes de extensão rural, especialistas de marketing,



sociólogos, economistas, usuários e clientes em conformidade com as etapas de produção de tecnologias, validação, transferência ou comercialização (Embrapa, 2003).

Não obstante esses esforços das equipes de pesquisa, e os resultados já alcançados e do forte apoio de alguns governos Estaduais e do Plano Nacional da Sociobiodiversidade no fortalecimento da cadeia produtiva da castanha-do-brasil, a maioria dos produtores continuam utilizando um sistema com baixa eficiência produtiva e ofertando um produto de baixa qualidade.

O Manejo para a produção da castanha-do-brasil precisa ser validado em um número maior de comunidades, a fim de ser adaptado para as diferentes realidades de coleta e logística. Paralelo a isso, é preciso trabalhar fortemente a comunicação para e e transferência de tecnologia para que haja uma adoção significativa das técnicas desenvolvidas e recomendadas.

A Rede Kamukaia formada com o objetivo de realizar estudos ecológicos para subsidiar recomendações para o manejo de espécies florestais não-madeireiras, está estabelecida, porém apresenta uma demanda por organização de informações para disponibilizar à sociedade, em amplo uso, dentre eles para disseminar tecnologias e práticas de manejo sustentável para os produtos da sociobiodiversidade, dentre eles as boas praticas da cadeia de valor da castanha, por sua importância econômica, cultural e socioambiental para região e para a Amazônia.

As redes sociais digitais se tornaram um canal de troca entre marcas e consumidores tão forte que o discurso atingiu um nível de proximidade com o consumidor muito mais intenso, pois a denúncia também se tornou facilitada mediante a alguma ação que se julgue falsa. A eficácia das ações propostas nesse meio digital é medida através da análise do número de compartilhamentos ou comentários a respeito dela.

Anexo 1

Letra da música Canto dos Castanhais



*“A vida que leva essa gente é um canto plangente⁵, no meio
dos castanhais. Tem som de facão no ouriço, de castanha
entre os dentes, de pele nos espinhais;
É o baque da porta do quarto, de um filho ausente, que não
voltou nunca mais.
Aqui quando o sol se levanta, essa gente levanta e entra nos
castanhais
A vida que leva essa gente / Não é tão diferente / da vida dos
seringais. Por isso essa gente canta /
E o seu canto plangente / Torna-se um canto de paz.

A fé dessa gente é tanta / E a dor que ela sente / Passa a doer
na Santa / Que pega no ventre e senta / Enquanto essa gente
canta

É a voz, que diz quando está descontente. Que grita ao mundo
seus ais. Que fala, contesta, desmente. Que ecoa pelos
castanhais.”*

Canto dos Castanhais

(poema de Joãozinho GOMES, musicado por Val MILHOMEM)

⁵ Plangente adj. Que chora; lastimoso; que se pranteia; triste: vozes plangentes. (Lat. plangens)